

# A história de Maria, uma jovem que se tornou uma cuidadora-que-fala-confronta-e-esclarece: uma análise do processo de metamorfose na perspectiva da Psicologia Social

José Umbelino Gonçalves Neto; Aluísio Ferreira de Lima

Autor referente: aluisiolima@hotmail  
Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil.

## RESUMO

Este artigo se trata de uma discussão teórica a respeito do desenvolvimento da identidade de uma das lideranças comunitárias do município de Sobral-CE. O objetivo foi investigar as metamorfoses da identidade dessa pessoa e possíveis movimentos de alterização e emancipação. Utilizou-se uma metodologia qualitativa, tendo como instrumento a entrevista de história de vida. A análise da narrativa foi feita com base na teoria de identidade de Ciampa (1987), de modo a destacar o processo de socialização-individuação, e as metamorfoses da identidade por meio da explicitação das personagens representadas pelo ator social em seu discurso. A análise da narrativa revelou o papel da família na socialização de um indivíduo crítico frente à realidade e engajado socialmente, bem como o movimento de reposição de uma personagem que, ao contrário do que afirma Ciampa, não implicou em fetichismo da personagem, mas em um processo de alterização emancipador.

## ABSTRACT

This article is a theoretical discussion about the identity development of a communitarian leader from Sobral city, Ceará, Brazil. The study aimed to investigate the identity metamorphosis of this person and possible movements of identity alterization and emancipation. The study used qualitative methodology with the life history interview as research instrument. The analysis of the narrative was based on Ciampa's identity theory, outlining the socialization-individuation process and the identity metamorphosis by making explicit the characters represented by the social actor. The narrative analysis revealed the role of family in the socialization of an individual socially engaged and critical regarding reality. Furthermore it revealed the replacement of a character which, on the contrary that Ciampa affirmed, did not implicate in the character fetishism, but in an emancipating process of alterization.

**PALABRAS CLAVE:** Psicologia Social; História de vida; Metamorfose; Reconhecimento.

**KEYWORDS:** Social Psychology; Life History; Metamorphosis; Recognitio

*Em nós a vida não é um objeto que podemos a todo momento apreender. Ela não é uma unidade de ser que possa se determinar num ser-lá. O ser humano é uma colméia de seres.*

G. Bachelard

## **1. INTRODUÇÃO: SOBRE O CONTEXTO DE ELABORAÇÃO DO ESTUDO**

Este trabalho se trata de uma discussão teórica a respeito do desenvolvimento da identidade de uma das lideranças comunitárias de um bairro do município de Sobral, Ceará. A elaboração desse trabalho começou como parte das atividades práticas de uma disciplina do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral. As análises teóricas aqui tecidas, todavia, são fruto de nossos estudos na pesquisa de iniciação científica *“Reconhecimento Social, Identidade e Linguagem: perspectivas teóricas atuais no contexto da Psicologia Social”*, que por sua vez faz parte do projeto de pesquisa *“Identidade e Reconhecimento: uma análise das principais teorias da atualidade e suas apropriações pela Psicologia Social Crítica para pensar a incorporação do Outro na esfera pública”* coordenado pelo Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima, contando com financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

A elaboração inicial do trabalho se deu por meio de nossa inserção em campo, que através do Conselho Municipal de Saúde de Sobral conseguimos o contato com uma liderança comunitária de um bairro do município. Maria (nome fictício), nossa entrevistada, é uma liderança comunitária, sendo uma das moradoras que se colocaram como conselheiras na organização do Conselho local de saúde de seu bairro. Nos primeiros contatos, vimos que tratava-se de uma mulher de

aparência, trejeitos e fala simples, mas que por trás de sua simplicidade trazia ideias muito ricas a respeito da situação do bairro e da composição do Conselho local. Pedimos a ela a concessão da entrevista por termos observado e julgado muito crítica a forma como ela se colocava no debate das reuniões do Conselho.

A análise da narrativa revelou o papel da família na socialização de um indivíduo crítico frente à realidade e engajado socialmente, bem como o movimento de reposição de uma personagem que, ao contrário do que afirma Ciampa, não implicou em fetichismo da personagem, mas em um processo de alterização emancipador.

## **2. MÉTODO: SOBRE O USO DA HISTÓRIA DE VIDA**

Para a produção dos dados nos valem de uma metodologia qualitativa, tendo especificamente como método a entrevista de história de vida. A história de vida é um tipo de entrevista em profundidade em que o pesquisador dialoga com o informante de modo a investigar as experiências de pessoas, grupos ou organizações. Segundo Minayo (1993), esse tipo de entrevista pode ser feita de duas formas: completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida, ou tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão. No caso do presente estudo, procurou-se com a informante sua história de vida completa. De fato, como Minayo (1993) coloca, esse método tem como principal vantagem a de permitir que a pessoa retome sua vivência de forma retrospectiva, produzindo uma narrativa extremamente rica para análise. Tal método, portanto, mostrou-se-nos válido considerando o referencial teórico aqui adotado, uma vez que numa narrativa de história de vida se encontra o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

Para esta definimos alguns tópicos a serem desenvolvidos pela pessoa entrevistada, mas seguindo a recomendação de Lanza (2006) que afirma que em entrevistas dessa natureza algumas vezes é necessário solicitar

esclarecimentos sobre os fatos narrados, “[...] mas isso deve ocorrer numa relação dialógica com a preocupação do pesquisador em evitar dirigir a seqüência dos fatos na memória do informante, fazendo-o voltar-se para direções que ele não julgue importantes e sem significado” (Lanza, 2006, p. 61).

Além disso, é importante dizer que adotamos uma postura respeitosa e ética frente à entrevistada, o que pode ser compreendido por meio das considerações de Habermas (2010) sobre a ação comunicativa. Se na ação estratégica um indivíduo busca influenciar o outro objetivando a consecução de um fim, sendo o outro encarado como objeto; na ação comunicativa, por outro lado, o sujeito é motivado pelo parceiro de interação visando uma ação conjunta consensualmente aceita como válida. Para se dizer “comunicativo”, o agir comunicativo depende do uso da linguagem visando ao entendimento, onde os atores “tentam definir cooperativamente seus planos de ação, levando sempre em conta uns aos outros, no horizonte de um mundo da vida compartilhado intersubjetivamente” (Oliveira, 2009, p. 65).

Buscamos, pois, no momento da entrevista criar um espaço de diálogo, perpassado pelos significados construídos ao longo do momento, o que permitiu uma maior interação pesquisador-pesquisado.

Como assinala Lima (2010) o entrevistador se torna mais do que um mero expectador da história narrada, “ocupa o lugar de ‘testemunha’ do sofrimento, da mortificação e das possibilidades de subversão dos indivíduos” (Lima, 2010, p. 42).

Com base nesses princípios metodológicos, elaboramos duas questões de base que incidissem sobre a história de vida de Maria (nome fictício). Ainda assim, perguntas específicas foram elaboradas no desenrolar da própria entrevista. As duas questões de base que serviram como eixo foram: “Quem é você?”, “Como você se tornou quem você é?”. A análise dos dados coletados na entrevista foi fundamentada pelo referencial teórico utilizado por Ciampa (1987), Almeida (2005) e Lima (2010), de modo que a entrevista de história de vida foi reorganizada e apresentada numa cronologia, indo da infância de Maria até seu momento atual,

explorando as metamorfoses da identidade, as personagens que foram sendo representadas, negadas ou criadas e as vicissitudes do contexto social em que a entrevistada estava (está) inserida.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO DE ANÁLISE: IDENTIDADE COMO METAMORFOSE EM BUSCA DE EMANCIPAÇÃO

O referencial teórico que utilizamos para a análise da narrativa de Maria está vinculado à tradição da Psicologia Social Crítica inaugurada pela Escola de São Paulo. Mais especificamente falando, a concepção de identidade que aqui utilizamos está baseada na teoria de identidade desenvolvida por Antonio da Costa Ciampa (1987), que conseguiu, “de forma intuitiva (ou indireta), resgatar e atualizar a teoria desenvolvida por George Mead, seguindo na contramão das descrições da personalidade e da identidade que tendem à naturalização do desenvolvimento ou, ainda, daquelas que trabalham com a perspectiva de personalidade” (Lima, 2010, p. 138). Ciampa defende uma compreensão da identidade humana como um fenômeno que se dá nas relações entre os indivíduos, dentro de um determinado contexto sociocultural e histórico.

Ao introduzir o conceito de identidade, sob o ponto de vista da psicologia social, como uma questão teórica, Ciampa (1987, p.127) diz que “cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida que nem sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais”. Entendida sob essa perspectiva, a identidade não é uma substância interior que definiria o indivíduo, mas algo que se define, num âmbito geral, na *relação* do indivíduo com os outros e com a sociedade, e num âmbito específico, no *agir* do indivíduo em seus diferentes contextos de vida.

A identidade, nesse sentido, se define dialeticamente enquanto metamorfose, que se expressa nas diferentes formas de representação da identidade. “A noção de metamorfose decorre desta concepção dialética da identidade, dizendo respeito ao fato de que ela é essa constante

transformação, refletindo a plasticidade e o eterno movimento de vir-a-ser dos seres humanos e o caráter mutável e histórico de suas relações” (Almeida, 2005, p. 14). Enquanto metamorfose, a identidade é a articulação tanto entre diferença e igualdade (ou semelhança), como entre objetividade e subjetividade, pois “sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza, e a objetividade é finalidade sem realização” (Ciampa, 1987, p. 145).

A identidade se expressa empiricamente através de personagens, sendo a articulação dessas personagens o que vai compor a identidade do indivíduo. A representação das personagens ao longo de uma biografia ocorre a partir da apresentação e do ocultamento das várias personagens que compõem a identidade dos indivíduos e, como complementa Lima (2010, p. 145), “pode ser entendida como um dialético jogo de interação cuja complexidade torna impossível o estabelecimento de um fundamento originário” da identidade.

Ciampa também explica que existe a necessidade de normatização de determinadas personagens, que por outro lado, servem para conservar as identidades produzidas. Esse fenômeno funciona por meio da *reposição* da personagem, que pode tanto ter um aspecto positivo quanto negativo, na medida em que possibilita um direcionamento biográfico para o indivíduo (sentido positivo), ou ainda, pode reduzir o indivíduo a uma única personagem acabando assim com a articulação da igualdade e da diferença (sentido negativo). O apontamento de Ciampa é importante pois permite entender que é justamente esse trabalho de reposição de personagens que cria a *aparência de não-metamorfose* da identidade e impede muitas vezes que vejamos o processo de metamorfose. Para ajudar a entender como esse fenômeno funciona, Ciampa propõe dois movimentos passíveis de verificação numa narrativa de história de vida que caracteriza como *reposição/mesmice*, e *alterização/mesmidade de pensar e agir*.

De forma simplificada, podemos dizer que a *mesmice* é aquilo que decorre da reposição de personagens, o que pode se dar como consciente busca de estabilidade identitária ou inconsciente compulsão à repetição. Esse movimento cria uma aparência de não-metamorfose quando uma personagem reposta é vista como dada permanentemente, como se aquele modo de agir – que é contingente e determinado por um contexto – fosse a manifestação de uma suposta essência do indivíduo, ou algo estrutural, ou inerente a ele, e não como a reposição de uma identidade que um dia foi posta.

O problema da conservação da *mesmice* é quando essa situação leva ao impedimento da busca por emancipação, culminando naquilo que Ciampa chama de *fetichismo da personagem*. Este conceito vai se referir “a quase impossibilidade de um indivíduo atingir a condição de *ser-para-si*, ocultando a verdadeira natureza da identidade como metamorfose, gerando o que será chamado *identidade mito...*” (1987, p.140).

[A idéia de] ...*ser-para-si* é buscar uma autodeterminação (que não é a ilusão de ausência de determinações exteriores; “tornar-se escrava de si própria” (que de alguma forma é tentar tornar-se sujeito); procurar a unidade da subjetividade e da objetividade, que faz agir uma atividade finalizada, relacionando desejo e finalidade, pela prática transformadora de si e do mundo (Ciampa, 1987, p.146).

É importante destacar que para Ciampa o impedimento da emancipação e a manutenção da *mesmice* não constituem algo inevitável, na medida em que a impossibilidade de viver sem personagens e a possibilidade de *ser-para-si* criam condições para a alterização da identidade, que por sua vez se concretiza por meio da negação daquilo que nega a alteridade – nas palavras de Ciampa, a “negação da negação”. Fenômeno que Ciampa aborda da seguinte maneira:

A negação da negação permite a expressão do outro *outro* que também sou eu: isso consiste na *alterização* da minha identidade, na

eliminação de minha identidade pressuposta (que deixa de ser re-posta) e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em mim se concretiza. Isso permite me representar (1º sentido) sempre como diferente de mim mesmo (deixar de presentificar uma representação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores, deixar de repor a identidade pressuposta). (Ciampa, 1987, p.181)

O conceito de alterização para Ciampa é usado para designar a noção de “tornar-se outro” (Ciampa, 1987, p. 183) e “a idéia de uma mudança significativa – um salto qualitativo – que resulta de um acúmulo de mudanças quantitativas, às vezes insignificantes, invisíveis, mas graduais e não radicais” (Ciampa, 1987, p. 184). Tudo isso indica uma possibilidade e uma tendência da conversão das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas, que se realizam sob condições históricas e materiais determinadas, e que, como veremos com Mead (1936/2009) e Habermas (2010), não ocorre num solipsismo, mas depende do reconhecimento dos outros.

Habermas, discutindo a teoria de George Herbert Mead, trata bem essa questão da alterização ao se referir ao processo de individuação pela socialização, que consiste no desenvolvimento de uma autodeterminação associada ao reconhecimento intersubjetivo.

Como representante do pragmatismo norte-americano, Mead (1936/2009) trabalha o desenvolvimento do indivíduo social (ontogênese) sobre uma abordagem interacionista, considerando o entendimento entre “ego” e “alter” com base nas expectativas de comportamento recíprocas em interações mediadas pela linguagem. Como Habermas observa, sua abordagem “permite-lhe desdobrar de forma dialéctica a relação entre o indivíduo e a sociedade” (Habermas, 2010, p. 21). Habermas sintetiza bem a compreensão meadiana sobre o processo de socialização e individuação:

No decurso da socialização, a pessoa em crescimento ao integrar-se,

a par com o seu crescimento, em relações cada vez mais complexas do seu meio social circundante e ao aprender a dominar papéis cada vez mais abstractos com graus crescentes de reflexividade e uma autodistanciação correspondente, forma-se num sujeito que age de forma impermutável e num indivíduo singular (Habermas, 2010, pp. 21-22).

O filósofo frankfurtiano afirma que “Para os indivíduos, a individualização social significa que deles se espera uma autodeterminação e auto-realização que pressupõe uma identidade de Eu de índole não-convencional” (Habermas, 1988/2010, p. 246). Por uma identidade não-convencional, entenda-se uma identidade que se diferencia de padrões convencionais e expectativas normativas de comportamento impostas socialmente – padrões e expectativas que na linguagem de Ciampa traduzem-se por identidades pressupostas e fetichizações de personagem. Isso permite entender a afirmação de que na alterização o indivíduo nega uma identidade pressuposta e deixa de representar uma personagem fetichizada, com a possibilidade de experienciar uma identidade pós-convencional. Quanto à necessidade do reconhecimento do outro para a concretização desse processo, Habermas acrescenta: “No entanto, também esta formação da identidade [pós-convencional] pode apenas ser pensada como socialmente constituída [intersubjetivamente, e não num solipsismo]; por isso, tem de ser estabilizada em condições pelo menos *antecipadas* de reconhecimento mútuo” (Habermas, 1988/2010, p. 246, grifos do autor). Nesse sentido, uma “individuação progressiva pode ser avaliada tanto pela *diferenciação de identidades únicas no seu gênero* como pelo *crescimento da autonomia pessoal*” (Habermas, 1988/2010, p. 247, grifos do autor). Contudo, a relação intersubjetiva é o *medium* desse processo: o ser autônomo e individuado “(...) não pode certificar-se de si mesmo pela auto-referência directa, mas unicamente a partir da perspectiva de outros. Neste caso não dependo da *aprovação* destes últimos relativamente aos meus juízos e actos, mas do *reconhecimento*, por parte deles, da minha pretensão de ser único e insubstituível.” (Habermas, 1988/2010, p. 247, grifos do autor).

Nessa perspectiva é que compreendemos a concepção de Ciampa de que a alterização se concretiza na “mesmidade” de pensar e agir, unidade da subjetividade e da objetividade, ser-para-si, expressão do outro *outro* que também sou eu (Cf. Ciampa, 1987, p. 143-146). Para Ciampa isso se torna possível a partir da possibilidade de formular projetos de identidade, cujos conteúdos não estejam prévia e autoritariamente definidos.

“Identities que se definam pela aprendizagem de novos valores, novas normas, produzidas no próprio processo em que a identidade está sendo produzida, como mesmidade de aprender (pensar) e ser (agir)” (Ciampa, 1987, p. 241). Numa linguagem habermasiana, a “mesmidade de aprender (pensar) e ser (agir)” pode ser entendida como a situação em que indivíduo desenvolve sua consciência de si – que ocorre na aprendizagem da utilização do pronome “eu” em atos de fala que se referem às próprias ações – e uma relativa autodeterminação – sua autorregulação comportamental a partir dessa autoconsciência e do reconhecimento de outros.

Sabemos que a criação de novas normas, novos valores e projetos na esfera universal encontram grandes dificuldades de concretização e superação no nível coletivo – vide, por exemplo, a história da saúde, da educação e da segurança pública no Brasil. Entretanto, como veremos adiante, no nível individual a criação ou assunção de novas formas de agir, a apreensão de valores éticos e a utopia de um projeto de vida e a emancipação tornam-se mais factíveis e mais observáveis, ainda que, muitas vezes, de forma parcial ou fragmentada e não sem obstáculos.

## **2. A HISTÓRIA DE MARIA: UMA JOVEM QUE *ENTRAVA-MUDA-E-SAIÁ-CALADA QUE SE TORNOU UMA CUIDADORA-QUE-FALA-CONFRONTA-E-ESCLARECE***

Até então buscamos nessa exposição introduzir as principais ferramentas conceituais que utilizaremos adiante na análise da narrativa de história de vida de Maria. Maria, para responder à indagação “Quem é você, qual sua história, como você se tornou quem você é hoje?”, começa a narrar sua história partindo de sua infância, mas, interessante, nisso faz referência ao bairro onde mora desde pequena e resalta bastante como antes as crianças, ela própria também uma delas, podiam brincar muito no bairro.

Brincavam na rua e no rio: a rua, o espaço aberto em frente e ao redor da casa de todo mundo ali, era segura; o rio, espaço de natureza logo ali abaixo no fim da rua, era limpo. Na história passada e atual de Maria temos dois lugares que, em relação à segurança e à conservação, hoje se encontram em situação bastante preocupante. No passado as coisas não eram perfeitas, o principal problema de violência que antes havia no bairro eram “as brigas”. Quando diz “as brigas”, ela quer dizer as rixas que havia entre gangues de adolescentes dali com os de um bairro vizinho.

Hoje, no entanto, o tráfico de drogas é visto como um problema pior que afeta os arredores. E pelo que podemos inferir, a violência decorrente do tráfico de drogas tira da rua aquela segurança que antes permitia as crianças aí brincarem sem perigo.

Ao falar de sua infância, o brincar aparece como algo importante para Maria, pois mesmo em outros momentos da narrativa repete o fato de que podia brincar bastante na rua, seja com seus irmãos seja com as outras crianças vizinhas, e como podiam usufruir do rio como espaço de lazer.

Maria, a partir dos 7 anos de idade passou a estudar numa escola de

freiras, cuja mensalidade a mãe pagava metade do valor com o dinheiro que adquiria da venda de lanches. A outra metade da mensalidade era descontada de uma bolsa de estudos cedida à Maria pela própria escola. Ela relata que era uma escola boa e organizada, nela estudava sem problemas e podia também brincar muito no recreio. Diz que apesar de sua mãe ser analfabeta, sempre se preocupou de garantir que os filhos fossem à escola. Ainda assim, dos 13 irmãos, Maria diz que na época apenas ela persistiu e conseguiu concluir o ensino médio, o que, como veremos adiante, não foi nada fácil para ela.

Sua mãe teve um papel importante não só para garantir sua educação formal, mas também para ensiná-la uma série de valores morais bastante presentes em sua fala.

*Minha mãe ensinou que tudo que a gente fizesse era responsabilidade da gente. Então, eu tinha que pensar duas vezes, três vezes... Porque tudo que acontecesse na vida da gente era responsabilidade da gente também. (...) É fundamental que a gente faça as coisas com responsabilidade.*

Como observamos ao longo da entrevista, as ações e os ensinamentos de sua *mãe-cuidadora* irão reverberar ao longo de toda a vida de Maria. Ela conta que gostou da criação dada pela mãe por esta sempre conversar com os filhos, “Tudo a mãe ensinava à gente”. Apesar das brincadeiras de criança e das conversas da mãe, diz que foi uma infância difícil devido às dificuldades materiais por que passaram, pois eram 13 filhos e dependiam do trabalho do pai para sobreviver o qual recebia apenas um salário mínimo na fábrica.

Aliás, quem possibilitava que Maria estudasse na escola privada era sua mãe, que com muito trabalho pagava a mensalidade. Isso permitia que desde criança Maria estudasse num ambiente que poderíamos chamar de tranquilo. Além disso, como vimos, quando menina ela brincava bastante com as outras crianças do bairro e tinha, como disse, uma “infância muito

boa”. Apesar das dificuldades pelos poucos recursos em casa, podia agir como criança, ir à escola e brincar.

Se, a partir da atividade que observamos Maria desempenhar, pudermos demarcar com um termo sintético o momento identitário da narrativa – ao modo como fazem as pesquisas de identidade na linha inaugurada por Ciampa – destacamos até aqui duas personagens: uma que Maria representa em suas interações no âmbito familiar mas que perpassa suas ações em outros contextos, a *Maria-filha-que-ouve-a-mãe*; outra que Maria representa no contexto da rua, da escola e da vizinhança, a personagem *Maria-criança-brincante*.

Sobre a relação entre a identidade e a atividade, Ciampa afirma: “O que pode ser percebido é que qualquer predicação é predicação de uma atividade anterior, genericamente de uma presentificação do ser” (1987, p. 133). E logo em seguida coloca: “Nossa linguagem cotidiana tem dificuldades de falar do ser como atividade — como acontecer, como suceder. Acabamos por usar substantivos que criam a ilusão de uma substância de que o indivíduo seria dotado, substância que se expressaria através dele” (idem).

Assim, Ciampa entende que a identidade do ator social se expressa não tanto pelo nome que lhe é atribuído, mas pela atuação concreta de personagens em determinados contextos de vida. “...a noção de uma personagem substancial, traduzível por proposições substantivas, oculta de fato a noção de uma personagem ativa, traduzível por proposições verbais” (Ciampa, 1987, p. 135).

Seguindo a história de Maria, vemos que é marcada por dois acontecimentos bastante sofridos, que ocorrem como uma saída do paraíso da infância e que iniciam sua entrada num mundo em que ela não é mais criança, mas deve cuidar de outras crianças, em que a escola não é mais um lugar tranquilo, mas hostil, e que brincar não tem mais espaço, mas as brigas e a fuga delas.

Maria, com 15 anos de idade, sofre a morte de sua mãe e em decorrência disso precisa mudar de escola. Como o salário do pai só dava para as necessidades da casa, ela vai para uma escola estadual, pública, a qual, como Maria diz:

*... foi totalmente diferente na minha cabeça! Porque assim... Quando eu fui pro estadual, a minha mãe já tinha falecido, eu já tava com 15 anos. Aí foi muito difícil! Eu... Porque parecia que eu tinha entrado num inferno.*

Entende-se, portanto, como puderam as mudanças de vida que se sucederam à morte da mãe de Maria terem sido para a jovem como a entrada em um outro mundo, num “inferno”.

Como as definições dadas pelos outros significativos de Maria aos elementos de seu contexto de vida até então possuíam uma certa configuração, como Maria vivia em uma certa realidade proporcionada por sua mãe, pelos coleguinhas de bairro, pela escola de freira etc., é natural o choque sofrido com a perda da mãe, com o outro modo de relação entre adolescentes e com a entrada na nova escola.

*Foi o ano mais difícil! Com 15 anos! A mãe morreu! Mudei de escola! E lá no estadual – porque na época eu estudava em “colégio de freira” – é totalmente diferente. Você ir pra uma escola que as portas era todo tempo aberta! Você saía na hora que queria, você entrava na hora que queria e ainda tinha a questão da violência, tanto verbal como física, lá! Porque os alunos agrediam muito as pessoas. Eu ficava na minha! Do jeito que eu entrava eu saía! Entrava muda e saía calada! (...) Eu quase num saía pro recreio. Ficava dentro da sala, preferia ficar dentro da sala mesmo. Eu ficava conversando com os que ficava por ali... Mas eu não saía pro recreio, na escola estadual não!*

Se antes podia se ver como *criança-brincante*, passa nesse momento de sua vida a experimentar no novo ambiente uma impossibilidade de brincar, a atividade que sustentava a representação anterior. A *Maria-que-entrava-muda-e-saía-calada* diz que “não se misturava” porque tinha medo, medo que reconhece hoje como estando relacionado ao período de luto pela morte da mãe, alguém que certamente lhe dava uma sensação de segurança frente às dificuldades da vida. Por outro lado, embora experienciasse um ambiente hostil que lhe impedia de brincar, ainda poderia contar com a representação da personagem *Maria-filha-que-ouve-a-mãe*, que para nossa entrevistada é a representação necessária “pra questão de ser mulher”. Do ponto de vista de Maria, que havia aprendido com a mãe que para “se tornar mulher” deveria persistir nos estudos, era necessário suportar a nova escola, mesmo que sem a presença da mãe isso lhe parecesse um inferno.

*(...) Mas, assim, foi muuuito difícil! Foi uma época muuito difícil! Que eu sofri muito! Eu pensei vááárias vezes em desistir de estudar! Eu continuei porque eu escutava muito a minha mãe, que sem estudo ia ser muuuito difícil! Se pra homem era difícil, pra mulher era mais ainda! Ficar sem estudar, era mais difícil ainda: pra questão de ser mulher.*

Vemos mais uma vez sua ação baseada nas palavras da mãe, mesmo esta não estando ali em sua presença. A personagem representada na infância sustenta-se pela possibilidade que abre para a emancipação de Maria enquanto mulher, num mundo de recursos precários e clara diferença de tratamento entre gêneros. O discurso internalizado de sua mãe sustenta a representação da *Maria-filha-que-ouve-a-mãe*, por isso mesmo pensando várias vezes em parar de estudar, persiste e mais à frente termina o Ensino Médio.

Outro elemento importante de ser destacado nesse momento da vida de Maria é o fato de que ela não só estudava, como também passou a exercer

outra atividade que foi importante para as metamorfoses que viriam a seguir. Além de *estudante*, passou a ser também uma *cuidadora-voluntária* na comunidade em que morava. Enquanto *cuidadora-voluntária*, Maria começa a participar da organização de algo importante na comunidade: sem remuneração, cuida e ensina às crianças da comunidade na creche construída pelos próprios moradores para atender às mães que trabalhavam fora de casa. Isso envolvia a ajuda que dava à irmã cuidando dos filhos desta, pois além de ensinar às crianças, Maria também cuidava da pequena sobrinha na creche. Como veremos adiante, a atuação como *cuidadora-voluntária* possibilitará a superação daquela forma de agir acuada, daquela personagem que, num contexto hostil, “entra muda e sai calada”.

*Aí eu tinha que cuidar dos meus sobrinhos! Que justamente a minha irmã que era solteira teve um filho, aí eu fiquei ajudando ela pra poder ela me ajudar! (...) Eu continuei estudando! Com muita dificuldade! Porque, assim, eu cuidava dos meus sobrinhos e tinha que ir pra escola e ficava com as tarefas da casa.*

É importante destacar que a escolinha passa a ter outra função importante no futuro, a de ser sede, até hoje, da associação comunitária de moradores do bairro, a qual pudemos ver que os moradores se referem utilizando basicamente duas expressões: “a Comunidade” ou “a Associação”. A organização comunitária já havia iniciado desde a década de 1980, quando os primeiros moradores chegaram à localidade. Maria conta que por volta de 1984 havia muita fome no bairro, “tinha muita criança morrendo de fome”. Conta que as pessoas se reuniam para conseguir recursos para atender àqueles que estavam em graves necessidades, tais como ir à Fortaleza para fazer um exame, ou para uma cirurgia, ou mesmo para a compra de um remédio mais caro. Além disso, se reuniam para conseguir melhoras na infra-estrutura do bairro, como o saneamento básico, a construção de uma praça e um campinho para os jovens.

Maria conta que sua mãe sempre sediava as reuniões, sempre esteve envolvida, que as reuniões aconteciam sempre em frente à sua casa. O que, em sua visão, é um dos motivos dela própria hoje ser tão engajada nas questões da comunidade. Ela diz:

*A minha mãe sempre sediava e sempre teve envolvida. E é tanto que o meu irmão depois foi o presidente, minha irmã já foi tesoureira daqui da comunidade também. A minha família sempre teve envolvida, mas acho que por esse motivo que hoje eu me envolvo tanto com os problemas da comunidade.*

Os episódios desse período nos parecem muito importantes, pois possibilitam questionar e desmistificar as teorias que trabalham com a idéia de “crise de identidade” ou “perda de identidade”. O que vemos nesse momento da narrativa de Maria é a articulação da representação de suas personagens e a relação que estas tem com o reconhecimento do outro. Podemos perceber que o impedimento da representação de uma determinada personagem não necessariamente impede a representação de antigas personagens e/ou a criação de novas, mais ainda, que antigas experiências com outros significativos podem persistir mesmo depois da morte destes e orientar a representação da identidade, possibilitando uma estabilização desta.

Maria assinala como percebe o seu interesse em atuar como *cuidadora-voluntária*.

*... eu sempre gostei da parte de ajudar as pessoas... Acho que influenciada pela minha mãe também, que sempre gostou de ajudar, de estar influenciada na comunidade. Ela sempre gostou, mesmo sendo analfabeta, ela sempre gostou. Meu irmão já foi presidente da comunidade do bairro. Fui eu que ajudei a fundar a escola aqui da comunidade, junto com a presidente [da associação comunitária]. Que na época, a escolinha... assim, era assim muito difícil. Como eu não*

*trabalhava e só fazia estudar e cuidar dos meus sobrinhos, eu trazia a menina pra escola [a sobrinha], e ensinava aqui, no maternal. Na época, não tinha nenhuma ajuda da prefeitura, não tinha dinheiro pra pagar a gente. A presidente, na época, pedia merenda às oficinas de carro daqui ao redor, dinheiro pra comprar merenda.*

Maria também nos mostra que é possível a família promover um tipo de socialização formadora de um posicionamento crítico, de um agir pautado pelo diálogo e pela participação nas questões coletivas. Mais à frente, em gratidão pela ajuda com os sobrinhos, a irmã irá pagar à Maria o curso técnico de Auxiliar de Enfermagem criando condições para Maria ter um emprego formal e ter seu próprio dinheiro.

Com a conclusão do curso técnico, Maria deixa de ser *cuidadora-voluntária* na escolinha da comunidade e passa a trabalhar formalmente num dos principais hospitais do município. Maria conta que é reconhecida no processo de seleção pelo seu bom desempenho e é convidada a trabalhar no setor da pediatria. Seria redundante dizer que Maria se vê agora como uma “mulher trabalhadora” por ter entrado em um emprego formal. Como vimos em sua história, trabalhadora ela sempre foi desde que perdeu a mãe, pois passou a ensinar na escolinha e a cuidar das crianças da comunidade e dos filhos da irmã. A personagem *cuidadora* é reposta, mas seu contexto de atuação mudou; é reconhecida agora como técnica de enfermagem, como profissional que deve ser remunerada.

Ao Maria assumir o trabalho de *cuidadora-remunerada* no hospital e se manter em tal emprego, vemos um movimento ativo do ator no processo de reposição de sua personagem, tal como Almeida (2005) aponta como recorrente em casos em que a reposição da personagem ocorre como uma estabilização deliberada da identidade e não simplesmente como uma imposição ou submissão ideológica de um papel:

...há que se considerar que nem sempre o processo de re-posição da identidade expressa alienação e heteronomia. Com efeito, ele pode

ser fruto de uma atitude positiva frente à vida, de expressão afetiva do ser, de satisfação com um modo de vida específico, que se considera suficientemente válido e digno de manter (Almeida, 2005, p. 92).

A reposição da *cuidadora* demonstra que o movimento de reposição não necessariamente implica em fetichismo da personagem. Aliás, a *Maria-técnica-de-enfermagem*, enquanto *cuidadora-remunerada* no contexto do hospital, supera aquela *Maria-que-entra-muda-e-sai-calada*, podendo agora articular essas diferentes personagens e agir a partir de então como *Maria-cuidadora-que-fala-confronta-e-esclarece*. Observa-se, portanto, que a reposição ativa da *cuidadora* possibilita a superação de outra personagem já representada, possibilita, pois, sua alterização (Ciampa, 1987) ou individuação (Habermas, 1988/2010). Como a própria Maria afirma, se antes num contexto hostil aprendera que deveria entrar calada e sair muda, sempre fugindo das confusões, agora a atitude é outra.

*Eu adoro meu trabalho! Eu adoro trabalhar com criança, eu gosto, tenho prazer. Eu trabalho na pediatria há 13 anos. Eu gosto... (...) É muito difícil, eu acho meu trabalho muito difícil, porque você trabalha com a criança doente e com a mãe. Você tem que ter o dobro de paciência.*

*Porque tem mãe que não conhece os seus direitos. (...) Eu sempre gosto, assim, de esclarecer. Tem mães que são esclarecidas, que até elas gostam desses esclarecimentos. Porque eu gosto muito de ser esclarecida, dos meus direitos e dos meus deveres. Eu adoro, porque eu gosto de cobrar. E principalmente quando a gente tá numa área, assim, como é um hospital...*

*(...) às vezes a gente tenta confrontar com pessoas que tem o poder maior do que o da gente, em termos. Já houve ocasiões de eu discutir com o médico, por causa dum criança! Assim, várias vezes já aconteceu de eu discutir...*

Mais adiante na narrativa de Maria, o cuidar, pelo esclarecimento ou pelo confronto, não ocorre apenas em relação ao trabalho no hospital ou aos sobrinhos, ou ao próprio filho, mas também com relação ao bairro. A *Maria-cuidadora-que-fala-confronta-e-esclarece* atua não só no âmbito familiar privado mas também no contexto comunitário. Aliás, vemos que seu envolvimento na comunidade é indissociável da sua relação familiar, pela identificação com a mãe e com os irmãos mais velhos, e por ter sido em sua adolescência uma das cuidadoras das crianças na creche comunitária construída pelos moradores.

Desse modo, a reposição de uma *cuidadora-que-fala-confronta-e-esclarece* aqui tem o caráter não de conformidade, mas de resistência frente às formas de opressão. Essa *mesmice* é sustentada ativamente por Maria, e com esforço, pelo horizonte emancipatório que ela abre e pela alterização que ela proporciona.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi trazido ao longo do artigo, podemos entender como um movimento de resistência ético-político a reposição da personagem *Maria-cuidadora-que-fala-confronta-e-esclarece*, tendo em vista seu desenvolvimento histórico dentro de um dado contexto familiar e comunitário. Observamos com essa personagem o processo de alterização anteriormente discutido. De fato, observamos uma mudança significativa na identidade de Maria, resultado do acúmulo de mudanças quantitativas graduais de suas ações, culminando num salto qualitativo, numa alterização em que ocorre uma coerência entre a subjetividade e objetividade, uma “mesmidade de aprender (pensar) e ser (agir)” (Ciampa, 1987).

Essa situação é possível em contextos em que o ator consegue resistir às imposições de uma ordem sistêmica, superar expectativas rígidas de comportamento e diferenciar-se de padrões tradicionais, vivenciando

contextos de interação em que ocorre a coordenação de suas ações com outros por meio de uma ação comunicativa, encontrando assim possibilidades de autodeterminar-se e autorealizar-se (Habermas, 1988/2010).

Na história de Maria vimos isso na assunção das proposições normativas de sua mãe, não por uma imposição desta, mas por reconhecer a validade ética das palavras da mãe. Também vimos isso na gestação e na sustentação da personagem *cuidadora*, ocorrendo desde o início em situações de entendimento e solidariedade – a ajuda de Maria à sua irmã, a retribuição desta, o engajamento nas questões da comunidade, os cuidados prestados às crianças no trabalho, os esclarecimentos feitos gratuitamente.

#### 4. REFERÊNCIAS

Almeida, J. A. M. (2005). *Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. Tese de Doutorado não publicada. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Habermas, J. (2010). *Fundamentação Linguística da Sociologia: Obras Escolhidas*. vol. 1. (L. Nahodil, Trad.) Lisboa: Edições 70.

Habermas, J. (2010). Individuação através da socialização. Sobre a teoria da subjectividade de George Herbert Mead. In, Habermas, J. *Fundamentação Linguística da Sociologia: Obras Escolhidas*. vol. 1. (211-261) Lisboa: Edições 70.

Lanza, L. B. (2006). *Enfermeiros-homens: uma nova identidade em construção*. Tese de Doutorado não publicada. Programa de Estudos Pós-

Graduados em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica*. São Paulo: FAPESP; EDUC.

Mead, G. H. (2009). *El problema de la sociedad. Como llegamos a ser nosotros mismos*. In, Mead, G. H. Escritos políticos y filosóficos. (S. Villegas, Trad.). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. (original publicado em 1936). pp. 107-126.

Minayo, M. C. S. (1993). *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

Oliveira, J. C. C. (2009). Jürgen Habermas e o pensamento pós-metafísico. *Revista de Humanidades*, 24, (1), 60-73.